



A Oração de Manassés: Estudo histórico-teológico, tradução e comentários

The Prayer of Manasseh:
A historical-theological study, translation
and commentaries

*Nirio de Jesus Moraes**

UFSC

Recebido em: 09/09/2021. Aceito em: 05/10/2021.

Resumo: *O presente artigo é um estudo histórico-teológico da Oração de Manassés, um salmo de origem judaica anterior ao período cristão. Embora incluída entre os livros apócrifos, algumas Bíblias a conservavam em apêndice. O rei Manassés, a quem esta ode é atribuída, reinou em Judá, ao sul da Palestina (687-642 a.C.), e não seguia a Lei de Moisés. Porém, quando o rei da Assíria o arrastou até Babilônia, ele se arrependeu de seus atos, suplicando o perdão do Deus de Israel, que o libertou do cativeiro. Agora em Jerusalém, capital do seu reino, ele empreende inúmeras reformas de caráter religioso; no entanto, o texto hebraico de sua prece, que o Cronista menciona, se perdeu (2Cr 33, 18-19), e o texto reproduzido neste artigo é o que se tornou conhecido pelas Bíblias grega e latina. Nosso objetivo é reapresentar este belíssimo poema, a partir do texto grego de Alfred Rahlfs (1935), e traduzi-lo para o vernáculo, com base nos princípios teóricos de Eugene A. Nida, influente tradutor bíblico.*

Palavras-chave: *Bíblia. Apócrifos. Rei Manassés. Tradução.*

Abstract: *This paper is a historical-theological study about the Prayer of Manasseh, a psalm of Jewish origin written before the Christian period. Although included among the Apocrypha, some Bibles used to keep it in the appendix. The king Manasseh reigned over the Southern Kingdom of Judah from 687 to 642 B.C. He did not follow the Law of Moses, but when the king of Assyria dragged him*

* Mestre em Estudos da Tradução (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2018). Especialização *lato sensu* em Sagrada Escritura (Centro Universitário Claretiano, 2015). Licenciado e Bacharel em Letras – Língua Inglesa (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, 2014).

E-mail: njmoraes.letras@gmail.com





to Babylon, he regretted his actions. Then Manasseh prayed before the God of Israel, who freed him from Babylon. Now in Jerusalem, the capital of his kingdom, he conducts numerous reforms of religious character. However, the Hebrew text of his prayer (2 Chronicles 33:18-19) is lost. The text of the Prayer of Manasseh reproduced in this paper, therefore, is what has become known through the Greek and Latin Bibles. Thus, based on the Greek text by Alfred Rahlfs (1935), let us present this beautiful poem and translate it into Portuguese, working with the theoretical principles of Eugene A. Nida, an influential biblical translator.

Keywords: Bible. Apocrypha. King Manasseh. Translation.

Introdução

Apresentamos, nestas páginas, um estudo histórico-teológico sobre a *Oração de Manassés*, um salmo de origem judaica que, embora constante entre os apócrifos, integrava algumas edições do texto bíblico.¹ Nosso intento principal é reapresentar ao leitor esta pequena e bela composição poética oriunda da antiguidade judaico-cristã, por vezes colecionada entre os cânticos eclesiásticos, mas pouco conhecida atualmente, e traduzi-la para o vernáculo.

Contudo, antes de compartilhar nossa tradução (pois, segundo a maioria dos pesquisadores, a Oração de Manassés foi composta em grego),² agregamos aqui, a partir de antigos documentos, informações sobre o rei a quem ela é atribuída: as Escrituras Hebraicas, às quais os cristãos referem como Antigo Testamento; as obras de Flávio Josefo, historiador judeu; e alguns textos apócrifos sobre o personagem, nos quais Isaías, o profeta, também atua.

Manassés reinou em Judá (2Rs 21,1), pequeno reino sul-palestinoense, mas que teve grande repercussão na história bíblica e, conseqüentemente, no pensamento ocidental (pois Israel foi o primeiro povo a professar a existência de um Deus único). Ele, descendente do rei Davi (1Cr 3,9-13), viveu no século VII a.C. Seu nome em hebraico é *Menashé* e significa “que faz esquecer”.³

¹ ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. Trad. Mateus R. Rocha. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Nova Coleção Bíblica, v. 3). p. 22.

² MONTANER, L. Vegas. Oración de Manasés. In: MACHO, Alejandro Diez *et al.* (org.). *Apócrifos del Antigo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982. Tomo III. p. 101-117. p. cit. 104.

³ BÍBLIA de Estudo Plenitude. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida, edição de 1995. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001. p. 52.



Enfim, este trabalho de tradução e pesquisa teológica está construído sobre as seguintes bases: (1) alusão aos princípios teóricos de Eugene A. Nida, que fundamentam nossa tradução aqui realizada; (2) principais informações disponíveis na literatura judaico-cristã sobre o rei Manassés e a prece que lhe é atribuída; (3) o texto da Oração de Manassés em grego e latim, sua presença em importantes traduções ocidentais e nossa tradução para o português. Feito isso, seguem as últimas considerações sobre este pequeno texto poético – objeto principal deste estudo: sua origem e significado, e o contexto histórico e geográfico onde surgiu.

1 Princípios da tradução do texto grego

O significado básico de ‘tradução’, segundo os dicionários, é: “**1** Ato ou efeito de traduzir. **2** Ato de transladar palavras, frases ou obras escritas de uma língua para outra. **3** Obra assim transladada.”⁴ No entanto, duas importantes particularidades devem ser consideradas: quando transpomos um texto de uma língua estrangeira para o vernáculo, isto se denomina ‘tradução’; quando o fazemos de nossa língua materna para uma estrangeira, isto se denomina ‘versão’. Portanto, a leitura vernacular da Oração de Manassés, apresentada mais adiante (cf. 3.5), não é uma versão em português de um antigo texto grego, mas sim uma tradução em que métodos específicos foram aplicados, conforme veremos a seguir.

Embora a Oração de Manassés tenha sido traduzida para o latim, tornando-se mais conhecida durante a Idade Média, e também incluída em traduções da Bíblia como a castelhana e a inglesa,⁵ ela nunca apareceu nas primeiras edições do texto bíblico em português, como a de João Ferreira de Almeida e a do padre Antônio Pereira de Figueiredo, publicadas nos séculos XVII e XVIII, respectivamente. Pode-se constatar esta afirmativa nos antigos exemplares já editados em volume único: o de Almeida, de 1819, e o de Figueiredo, de 1821, ambos impressos em Londres.

Naquela época, era costume dos tradutores protestantes incluírem os livros que, atualmente, eles e os judeus consideram *apócrifos*, mas os católicos, *deuterocanônicos*, agrupados entre o Antigo e o Novo

⁴ TRADUÇÃO. In: MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 2093.

⁵ Referimo-nos, respectivamente, à versão *Reina-Valera*, de 1569/1602, muito popular nos países de língua espanhola (cf. 3.3), e à famosa *King James Version*, de 1611, um clássico da literatura inglesa (cf. 3.4).



Testamento. Martinho Lutero também os traduziu para o alemão.⁶ Como Almeida veio a falecer em 1691, antes de concluir sua tradução do Antigo Testamento⁷ – a qual preparou até a Profecia de Ezequiel (48,21), tendo publicado sua tradução do Novo Testamento dez anos antes, não sabemos se ele pretendia incluir tais escritos em sua tradução – entre eles, a Oração de Manassés.

Enfim, para realizar nossa tradução, baseamo-nos principalmente na Septuaginta de Alfred Rahlfs, de 1935, publicada pela Sociedade Bíblica Alemã.⁸ Além desta, o texto da Septuaginta de Lancelot Charles Lee Brenton, de 1851, também nos serviu de apoio. Sua obra, originalmente publicada em Londres, transcreve igualmente os antigos manuscritos copiados no Egito por escribas cristãos.⁹

Quando alguma dificuldade em compreender o texto grego da Oração de Manassés se apresentava, convém esclarecer, o texto latino da Vulgata de Robert Weber e Roger Gryson, uma de suas traduções que circulou durante a Idade Média (cf. 3.2), servia-nos de esclarecimento. Essa edição, também publicada pela Sociedade Bíblica Alemã em 1969, reproduz o texto de antigos manuscritos latinos e contém um excelente aparato crítico destinado ao estudo e à pesquisa teológica.¹⁰

1.1 Método da equivalência formal

Se a tradução, como arte ou ciência, é um meio de intercomunicação entre duas culturas, então o tradutor é o intermediador entre ambas, mas não o autor da mensagem original. Portanto, sua função é transmitir o pensamento e as características do texto original, respeitando-o como uma produção intelectual alheia. Neste artigo, por exemplo, as culturas envolvidas são a judaico-cristã dos tempos bíblicos e a ocidental moderna.

Com base nos princípios acima, adotamos, para o texto da Oração de Manassés em grego, o princípio da ‘equivalência formal’, de Eugene

⁶ ROST, 2004, p. 22.

⁷ ALVES, Herculano. A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Portugal, ano 5, n. 9/10, p. 289-302, 2006. p. cit. 295.

⁸ Cf. SEPTUAGINTA. *Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1935/1979. Duo volumina in uno.

⁹ Cf. BRENTON, Lancelot C. L. *The Septuagint with Apocrypha* (Greek and English). United States of America: Hendrickson Publishers, 1851/2003.

¹⁰ Cf. WEBER, Robert; GRYSON, Roger. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/2007.



A. Nida (1914-2011). Ele, dedicando-se aos estudos linguísticos, contribuiu amplamente à teoria da tradução, tornando-se bastante conhecido nos meios acadêmicos por sua experiência como tradutor nas Sociedades Bíblicas Unidas. Além do mais, seu modelo de tradução, caracterizado pelos termos ‘equivalência formal’ e ‘equivalência dinâmica’, embora originalmente concebidos para descrever as traduções bíblicas, pode ser aplicado em qualquer tradução, conforme se expõe resumidamente:

A visão de Nida (1964) da tradução é que esta constitui um ato comunicativo. A partir daí, haveria dois modos de traduzir: a equivalência formal, onde se visa produzir um TLT que corresponda o mais possível aos diversos elementos linguísticos e extralinguísticos do TLO, ou seja, produz-se uma tradução o mais literal possível, mesmo que isto prejudique a compreensão do TLT pelo leitor; e a equivalência dinâmica, onde se visa proporcionar ao leitor um TLT que lhe seja familiar em termos não só da construção linguística e estilística, como também em termos dos comportamentos e elementos extralinguísticos expressos no TLO.¹¹

Sabemos que há incontáveis procedimentos que, como tradutores, podemos aplicar no ato de traduzir um texto, uma poesia, uma notícia de jornal, ou até mesmo uma canção. Tudo depende, principalmente, dos objetivos do autor original e da mensagem que pretende transmitir aos leitores. Por isso, cada particularidade deve ser considerada, especialmente em textos tão antigos como a Oração de Manassés.

2 Revisão da literatura: Manassés, Rei de Judá

2.1 Contexto histórico e geográfico

Manassés foi o décimo quarto rei de Judá, pequeno reino situado ao sul da Palestina, e governou de 687 a 642 a.C.¹² Seu pai, Ezequias, era o modelo do rei piedoso, que “Fez o que agrada aos olhos de Iahweh, imitando tudo o que fizera Davi, seu antepassado”¹³ (2Rs 18,3). Seu

¹¹ BARBOSA, Heloisa G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, SP: Pontes, 1990. (Série Linguagem/Ensino). p. 104. – As siglas TLT e TLO, empregadas pela autora, significam “texto na língua da tradução” e “texto na língua original”, respectivamente.

¹² KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005. p. 106.

¹³ BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada. p. 532.



território limitava-se ao norte com Israel, a leste com o Mar Morto e os reinos de Moab e Edom, ao sul com o deserto do Negueb, e a oeste com a Filístia, o território dos filisteus.¹⁴ Sua capital era Jerusalém, cidade onde estava o templo – centro da vida nacional – erigido por ordem do rei Salomão para abrigar a Arca da Aliança (1Rs 6,1-14).

No tempo de Manassés, o Império Assírio, uma poderosa potência, dominava todo o Oriente Médio.¹⁵ Os profetas hebreus que exerceram suas atividades durante a dominação assíria foram: Jonas e Oseias, de *Israel*, e Amós, Isaías, Miqueias e Naum, de *Judá*. Nessa pequena região, ora designada como *Palestina*, fértil devido ao rio Jordão e seus afluentes, mas desértica em outros pontos,¹⁶ e que teve grande impacto no mundo bíblico e no pensamento ocidental, entre guerras e vitórias, onde povos surgiam e desapareciam, reinou Manassés, a quem é atribuído um dos mais belos poemas da literatura apócrifa.

2.2 Documentos nos quais Manassés é mencionado

2.2.1 *Reis e Crônicas, livros do Antigo Testamento*

Nas Escrituras Hebraicas, dois são os documentos que contêm a descrição do reinado de Manassés: o segundo livro dos Reis (20,21-21,18), que está entre os Profetas, e o segundo livro das Crônicas (32,33-33,1-20), que faz parte dos Escritos. Nas edições cristãs da Bíblia, eles se encontram entre os livros históricos do Antigo Testamento. Reproduzimos aqui fragmentos de ambas as narrativas sobre o rei, que são as mais antigas existentes:

Manassés tinha doze anos quando começou a reinar e reinou cinquenta e cinco anos em Jerusalém [...]. Ele fez o mal aos olhos de Iahweh, imitando as abominações das nações que Iahweh havia expulsado de diante dos israelitas. (2Rs 21,1-2)

Edificou altares para todo o exército do céu nos dois pátios do Templo de Iahweh. Fez passar seu filho pelo fogo. Praticou encantamentos e a adivinhação, estabeleceu necromantes e adivinhos e multiplicou as ações que Iahweh considera más, provocando assim sua ira. (2Rs 21,5-6)

¹⁴ RONIS, Osvaldo. *Geografia bíblica*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982. p. 104-105.

¹⁵ KASCHEL; ZIMMER, 2005, p. 183.

¹⁶ RONIS, 1982, p. 85 e 91.



Manassés derramou também o sangue inocente em quantidade tão grande, que inundou Jerusalém de um lado a outro, sem falar nos pecados que fez Judá cometer; procedendo mal aos olhos de Iahweh. O resto da história de Manassés, tudo o que fez, os pecados que cometeu, não está tudo escrito no livro dos Anais dos reis de Judá? (2Rs 21,16-17).¹⁷

Após descrever o mesmo reinado com palavras semelhantes às do autor bíblico que lhe precede, o Cronista acrescenta:

Então Iahweh fez vir contra eles os generais do rei da Assíria, que puseram Manassés em ferros, amarraram-no com cadeias e levaram-no para Babilônia. No tempo dessa provação, procurou aplacar a Iahweh, seu Deus, humilhou-se profundamente diante do Deus de seus pais; orou a Iahweh, que se deixou comover. Ouviu sua súplica e o reintegrou em sua realeza, em Jerusalém. Manassés reconheceu que é Iahweh que é Deus. (2Cr 33,11-13)

Fez desaparecer do Templo de Iahweh os deuses estrangeiros e a estátua, como também todos os altares que havia construído sobre a montanha do Templo e em Jerusalém; e os lançou para fora da cidade. Reconstruiu o altar de Iahweh, ofereceu sacrifícios de comunhão e de louvor, e ordenou a Judá que servisse a Iahweh, Deus de Israel. (2Cr 33,15-16)

O resto da história de Manassés, a oração que fez a seu Deus e as palavras dos videntes que se dirigiram a ele em nome de Iahweh, Deus de Israel, acham-se nas Atas dos reis de Israel. Sua oração e como foi ouvido, todos os seus pecados e sua impiedade, os sítios onde havia construído os lugares altos e erguido aserás e ídolos antes de se ter humilhado, tudo está consignado na história de Hozai. (2Cr 33,18-19).¹⁸

Embora o Cronista tenha utilizado os livros de Samuel e dos Reis como principal fonte de informação em sua obra, ele, no entanto, teve acesso a documentos que o autor do livro dos Reis talvez não conhecesse. Isto se torna claro quando comparamos as duas narrativas: a primeira, mais antiga, parece desconhecer as notícias sobre o cativo e o arrependimento de Manassés, seguidas de sua reforma religiosa, ao contrário da segunda, mais recente.

Ademais, enquanto o autor da primeira narrativa menciona apenas uma fonte de pesquisa, os “Anais dos reis de Judá” (documento que possivelmente se perdeu quando Jerusalém foi destruída pelos caldeus),

¹⁷ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 538.

¹⁸ BÍBLIA de Jerusalém, 2002, p. 622.



o segundo menciona, além dessa, a “história de Hozai”, um profeta cujo nome significa ‘vidente’, também desconhecida. Um detalhe interessante, na segunda narrativa, é que o Cronista parece ter conhecido o texto original da Oração de Manassés.

2.2.2 O Evangelho segundo Mateus

O rei Manassés é mencionado apenas uma vez nas Escrituras Cristãs, brevemente, por um dos evangelistas, Mateus (o cobrador de impostos que se tornou discípulo de Jesus; cf. Mt 9,9; Mc 2,13-14; Lc 5,27-28), mas sem maiores detalhes sobre o seu reinado. Ele aparece na genealogia de Jesus, entre os antepassados de José, o carpinteiro (Mt 1,10).

2.2.3 As Antiquidades Judaicas de Josefo

Depois do Evangelho segundo Mateus, o próximo autor que se refere a Manassés é Flávio Josefo, o mais conhecido historiador judeu. Nascido em Jerusalém, viveu de 37 a 103 d.C. Conhecia muito bem a cultura judaica e pertencia ao grupo religioso dos fariseus. Seu relato, depois da Bíblia, é a maior fonte de informação sobre o Israel antigo. Segue um extrato do que se encontrou ali a respeito do rei:

Manassés, que Ezequias, rei de Judá, teve de Hefzibá, que era de Jerusalém, sucedeu-o no trono. Tomou um caminho contrário ao que seu pai havia trilhado [...]. Ele ousou mesmo profanar o templo, toda a cidade de Jerusalém, e todo o resto de seu país: não sendo mais contido pelo temor da justiça de Deus e desprezando seus mandamentos, mandou matar muitos homens de bem, não poupando nem mesmo os profetas. Não se passava um dia sem que um deles não pagasse com a vida os caprichos do rei e a cidade não se manchasse com seu sangue.

Deus, irritado com tantos crimes, mandou seus profetas ameaçá-lo e a todo o povo, de fazer cair sobre eles os mais terríveis castigos, como os israelitas, seus antepassados, já o haviam experimentado [...]. Continuando, então, a ofender a Deus, Ele suscitou contra eles o rei dos babilônios e dos caldeus, que mandou contra eles um grande exército. Este não devastou somente todo o país, mas o mesmo Manassés caiu prisioneiro e foi levado ao inimigo.

Então, o miserável príncipe percebeu que o excesso de seus pecados o tinha reduzido àquele estado. Recorreu a Deus, rogando-lhe que tivesse compaixão dele. Sua oração foi ouvida; o rei, vitorioso, mandou-o livre



para Jerusalém. Esta mudança em sua vida mostrou que sua conversão fora sincera e verdadeira. Ele só pensou em destruir a memória de suas ações passadas; empregou todos os seus esforços em restaurar o culto de Deus. [...]

Assim, por um proceder contrário ao que antes havia tido, ele levou seus súditos a imitá-lo no seu arrependimento, como o haviam imitado nos seus pecados [...]. Enfim, a mudança foi tão grande, que desde aquele dia, quando ele começou a servir a Deus, até o fim da vida não mais se lhe amorteceu o zelo pela piedade. Morreu na idade de sessenta e sete anos, depois de ter reinado cinquenta e cinco, e foi enterrado em seus jardins.¹⁹

Não há dúvida, lendo o fragmento acima, de que Josefo se baseia nos livros dos Reis e das Crônicas, pois o historiador nada acrescenta, neste ponto, ao que já sabíamos sobre Manassés. Ele, assim como o Cronista, refere-se ao cativo do rei e a seu arrependimento, e também à prece que, arrependido, fez ao Deus de Israel, mas não menciona em parte alguma a “Oração de Manassés”, que decerto já existia em sua época.

2.2.4 O Martírio de Isaías, livro apócrifo

Nessa escritura apócrifa, o protagonista é Isaías, mas outros personagens bíblicos também atuam, como Manassés e alguns dos outros profetas (Miqueias, Joel e Habacuc). O rei Ezequias mandou chamar Manassés, o herdeiro do trono, na presença do profeta Isaías, para ensinar-lhe as palavras que aprendera sobre o Deus de Israel. O profeta, porém, predisse ao rei, na presença de todos, que após a sua morte, seu filho não seguiria o exemplo paterno:

E muito outros em Jerusalém e Judá abandonarão a fé de seus pais, e Belial habitará em Manassés, e eu serei cortado em dois por uma serra. Ao ouvir estas palavras, Ezequias chorou copiosamente, e rasgou suas vestimentas, e cobriu sua cabeça de pó, e prosternou-se com a face contra o solo.²⁰

¹⁹ JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Trad. Pe. Vicente Pedroso. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1956/1999. (Obra completa). p. 243-244.

²⁰ APÓCRIFOS: os proscritos da Bíblia. Comp. Maria H. O. Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1989. p. 72.



Desse texto, escrito originalmente em hebraico, conservaram-se apenas traduções, e talvez seja de origem essênica, do século II a.C.²¹ A Epístola aos Hebreus, nos exemplos de fé extraídos do Antigo Testamento (11,37), ao que parece, reporta-se brevemente ao martírio de Isaías. Nisto, a escritura apócrifa e a carta têm um ponto em comum: ambas aludem a uma antiga tradição judaica, segundo a qual o profeta Isaías teria sido uma das vítimas da perseguição desencadeada pelo rei Manassés (2Rs 21,16).

2.2.5 O Apocalipse de Baruc, apócrifo siríaco

Essa outra escritura apócrifa, atribuída ao escriba Baruc, também traz algumas referências ao reinado de Manassés. A época de composição do livro, elaborado originalmente em hebraico, é tardia, por volta de 90 d.C.²² Nele, o anjo Ramiel é o mediador entre o Deus de Israel e o escriba, esclarecendo-lhe as visões:

A nona água, escura, que viste é toda a maldade que ocorreu nos dias de Manassés, filho de Ezequias. Ele portou-se de modo infame; mandava executar os piedosos, distorcia o direito, derramava o sangue inocente, violentava mulheres honradas, derrubava os altares; aboliu as oferendas do sacrifício, expulsou os sacerdotes para que não mais servissem ao Templo [...]. Então o Todo-Poderoso encheu-se de cólera; Sião devia ser completamente destruída, e isso aconteceu nos vossos dias.

[...] A maldade de Manassés foi tão grande que a majestade do Altíssimo afastou-se do Templo. Por isso, Manassés foi nesse tempo por todos reconhecido como um celerado, e o seu destino final seria o fogo. Todavia, quando sua oração encontrou ouvidos junto ao Altíssimo, foi-lhe finalmente concedido um sinal de prodígio, pois no momento em que ia ser lançado no interior do cavalo de bronze, este se derreteu.²³

Em síntese, a descrição das obras de Manassés, nessa escritura apocalíptica, não difere muito do que testemunham os livros *II Reis* e *II Crônicas*, nem do que Flávio Josefo e o *Martírio de Isaías* dizem sobre a personalidade do rei. Não obstante, todos são unânimes quando se

²¹ ROST, 2004, p. 154.

²² ROST, 2004, p. 131.

²³ APÓCRIFOS e Pseudoepígrafos da Bíblia. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004. p. 801-802.



referem ao arrependimento de Manassés e à sua humilde súplica, exceto o livro dos Reis, que parece ignorar esse fato.

Além disso, o Apocalipse de Baruc difere a respeito do livramento de Manassés, sem aludir ao exílio do rei (2Cr 33,11-13), acrescentando uma piedosa lenda de seu castigo por meio do fogo no cavalo de bronze, seguido de seu livramento miraculoso.

3 A Oração de Manassés

3.1 Considerações sobre o texto grego

Segundo as pesquisas realizadas por Leonard Rost,²⁴ o mais antigo testemunho sobre a Oração de Manassés encontra-se na *Didascalia Apostolorum*, “O Ensino dos Apóstolos”. Essa obra, do século II ou III d.C., que se apresenta como tendo sido transmitida pelos doze apóstolos quando se reuniram em Jerusalém (At 15,1-35), foi redigida originalmente em grego, mas conservada apenas por uma tradução síriaca.²⁵ Nela, a história de Manassés e sua prece são recomendadas ao pecador como um exemplo de arrependimento sincero.

Ainda segundo Rost,²⁶ o próximo testemunho textual encontra-se em outro documento cristão, também redigido em grego, intitulado *Constitutiones Apostolicae*, “Constituições Apostólicas”. Nessa obra, que retoma o conteúdo da *Didascalia*, mas procedente do século IV ou V d.C., a Oração de Manassés é utilizada com a mesma finalidade.

A seguir, ela aparece no *Codex Alexandrinus*, um importante manuscrito da Septuaginta copiado no Egito em meados do quinto século, que também inclui o Novo Testamento.²⁷ Nesse códice, também conhecido como Manuscrito A, a Oração de Manassés, juntamente com outros cânticos e orações – as Odes, como é costume designá-las –, constituem um apêndice do Saltério grego²⁸ (que dispõe de 151 Salmos). Isso testemunha o seu uso no antigo culto cristão de Alexandria.

²⁴ ROST, 2004, p. 92.

²⁵ THE DIDASCALIA Apostolorum in English. Translated from the Syriac by Margaret Dunlop Gibson. London: Cambridge University Press, 1903. p. 5 (Introduction).

²⁶ ROST, 2004, p. 92.

²⁷ VAN DEN BORN, A. *et al.* *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977. p. 192.

²⁸ VAN DEN BORN *et al.*, 1977, p. 932.



3.2 História da tradução latina

Nada sabemos sobre a origem do texto latino da Oração de Manassés, somente que não constava na *Vetus Latina*, isto é, a ‘Antiga [Versão] Latina’ dos textos bíblicos anterior à Vulgata de São Jerônimo, nem na obra do referido erudito cristão. Há também, segundo Rost,²⁹ “traduções em siríaco, armênio, eslavo e etíope”.

Ademais, o fragmento hebraico descoberto em Qumran, que diz: “Oração de Manassés, rei de Judá, quando o rei da Assíria o encarcerou”,³⁰ contém um texto diferente do que se tornou conhecido pelas Bíblias grega e latina. Não se pode afirmar, portanto, se este é um vestígio do primitivo texto hebraico a que o Cronista se refere, hoje perdido (2Cr 33,18-19).

A tradução latina da Oração de Manassés só foi incluída tardiamente nos manuscritos da Vulgata.³¹ É por isso que na Bíblia de Johannes Gutenberg – o primeiro livro impresso do mundo³² – ela se encontra logo após o segundo livro das Crônicas. Já a Vulgata Sixto-Clementina, preparada sob o comando do papa Clemente VIII em 1592, coloca a Oração de Manassés, seguida pelos livros III e IV de Esdras, também considerados apócrifos, como suplementos logo após o Novo Testamento, porque são citados por alguns antigos escritores cristãos, e também para que não se perdessem completamente.³³

3.3 História da tradução espanhola³⁴

A versão bíblica em castelhano de Casiodoro de Reina, que também trabalhou com os textos latinos, foi publicada em 1569. Nela, a Oração de Manassés encontrava-se logo após o segundo livro das Crônicas, como na Bíblia de Gutenberg. Algumas décadas mais tarde,

²⁹ ROST, 2004, p. 92.

³⁰ VERMES, Geza. *The complete Dead Sea Scrolls in English*. Revised edition. London: Penguin Books, 2004. p. 324.

³¹ KASCHEL; ZIMMER, 2005, p. 120.

³² PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida: da Idade Moderna à atualidade*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Volume 4). p. 29.

³³ Cf. BIBLIA Sacra iuxta Vulgatam Clementinam. Edición preparada por Alberto Colunga y Laurentio Turrado. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1959.

³⁴ Cf. LA SANTA Biblia: Antiguo y Nuevo Testamentos. Antigua versión de Casiodoro de Reina (1569), revisada por Cipriano de Valera (1602). Brasil: Sociedades Bíblicas Unidas, 1998. Revisión de 1960, con referencias.



Cipriano de Valera revisou o trabalho de Reina com base nos textos hebraico e grego da Bíblia e outras traduções europeias. Nessa edição, impressa em 1602, hoje conhecida como *Reina-Valera*, os livros deuterocanônicos, que na edição anterior estavam distribuídos pelo Antigo Testamento, foram reagrupados em uma seção à parte, entre o Antigo e o Novo Testamento.

3.4 História da tradução inglesa³⁵

A versão inglesa mais antiga veio à luz em 1611, quando James I, rei da Inglaterra, providenciou uma nova tradução da Bíblia para o inglês, selecionando uma comissão de tradutores. Hoje *The Holy Bible* é a obra da literatura inglesa mais impressa no mundo. Nela, a Oração de Manassés também se encontrava entre o Antigo e o Novo Testamento, como na revisão de Cipriano de Valera, mas numa ordem ligeiramente diferente.

3.5 Texto vernáculo e notas de tradução

Mencionamos, neste estudo, duas edições da Septuaginta (LXX) contendo a *Oração de Manassés*: a de Alfred Rahlfs, de 1935, na qual nossa tradução está baseada, e a de Lancelot Charles Lee Brenton, de 1851 (cf. Referências). Conservamos entre colchetes, porém, algumas passagens que constam apenas no texto grego de Sir Charles (como era mais conhecido) e na Vulgata Clementina, sendo elas um importante testemunho da tradição manuscrita.

ΠΡΟΣΕΥΧΗ ΜΑΝΑΣΣΗ³⁶

Oração de Manassés, [filho de Ezequias]³⁷

*[Oração de Manassés, rei de Judá,
quando se encontrava cativo em Babilônia]³⁸*

³⁵ Cf. THE HOLY Bible. Authorized King James Version. Barueri, SP: Bible Society of Brazil, 2004.

³⁶ SEPTUAGINTA, 1935/1979, p. 180-181. – Os versos seguem a mesma disposição que o texto original, e os *itálicos* marcam palavras incluídas na tradução para que o texto em português seja fluente.

³⁷ Título segundo a edição da LXX de Sir Charles. A maioria dos manuscritos diz apenas “Oração de Manassés”.

³⁸ Introdução conforme a Vulgata Clementina e outros manuscritos latinos, que se inspira em 2Cr 33,11-12.



Invocação

1 Ó Senhor³⁹ Todo-Poderoso,⁴⁰
o Deus de nossos pais,
de Abraão, e Isaac, e Jacó,
e de sua descendência⁴¹ justa;
2 que fizeste o céu e a terra com toda a sua ordem;⁴²
3 que confinaste o mar com a palavra do teu mandamento;⁴³
que encerraste o abismo⁴⁴ e o selaste com o teu nome temível e glorioso:
4 *perante* o qual todas *as coisas* se abalam e estremecem na presença
do teu poder,
5 pois a magnificência da tua glória não se pode suportar,
e irresistível é o furor da tua ameaça contra os pecadores,
6 *mas* a misericórdia da tua promessa é tanto imensurável como inescrutável,
7 porque tu és o Senhor Altíssimo,⁴⁵
compassivo, longânimo e muitíssimo misericordioso,
e te lamentas pelas maldades dos homens.
7b [Tu, Senhor, segundo a abundância da tua bondade, proclamaste
arrepentimento e perdão àqueles que pecaram contra ti, e na multidão
das tuas benignidades, *tu* decretaste aos pecadores arrependimento para
salvação.]⁴⁶

³⁹ O autor provavelmente estava pensando em YHWH, nome pelo qual Deus se revelou a Moisés no monte Sinai (Êx 3,13-15). Mas, seguindo o costume judaico, e em respeito ao terceiro mandamento (Êx 20,7), ele chama o seu Deus de Κύριος, 'Senhor', título também atribuído a Jesus pelos autores do Novo Testamento (Rm 10,9).

⁴⁰ Ou: "Onipotente", outro título divino pelo qual Deus era conhecido na época patriarcal (Gn 17,1). O *Codex Alexandrinus* acrescenta "celestial" ou "que estás no céu".

⁴¹ Lit.: "semente", palavra que na Bíblia também significa 'descendência', 'posteridade', 'geração'. É a este povo, Israel, a semente de Abraão, que o autor pertencia. Israel é nome que Deus deu a Jacó (Gn 32,28).

⁴² Entre os antigos gregos, a palavra κόσμος designava o conjunto de todas as coisas existentes, o mundo como um todo organizado e harmonioso. O autor reconhece, portanto, que Deus é anterior ao Universo (2Mc 7,28).

⁴³ Deus criou tudo mediante o poder da palavra. Ele simplesmente ordena e todas as coisas vêm à existência (Hb 11,3).

⁴⁴ O abismo já existia antes do primeiro dia da Criação, e as trevas lhe ocultavam as profundezas; das trevas, por meio da palavra divina, veio a luz (Gn 1,1-5).

⁴⁵ Outro antigo título divino empregado diversas vezes nos Salmos, no livro de Jó e na história dos patriarcas (Gênesis). Depois de "Altíssimo", alguns manuscritos latinos acrescentam "sobre toda a terra". Os atributos divinos enumerados a seguir também constam no livro do profeta Joel (2,13) e no do profeta Jonas (4,2).

⁴⁶ Estas palavras, que complementam a mensagem teológica de arrependimento e perdão, encontram-se no texto grego de Sir Charles (Minúsculo 55, séc. X) e no



Confissão dos pecados

8 Por isso tu, Senhor, o Deus dos justos, não designaste arrependimento aos justos, a Abraão, e Isaac, e Jacó, que não pecaram contra ti, mas designaste arrependimento para mim, o pecador, **9** porque os pecados que cometi são maiores em número do que a areia do mar.⁴⁷

Minhas transgressões *são* multiplicadas, ó Senhor, *elas são* multiplicadas, e não sou digno de elevar os olhos⁴⁸ e contemplar a altura do céu, devido à multidão das minhas iniquidades.

9b [E agora, Senhor Deus, eis-me justamente afligido e merecidamente angustiado; eis-me acorrentado e]⁴⁹

10 prostrado com muitos grilhões de ferro, de modo que não consigo erguer a minha cabeça,⁵⁰ em razão dos meus pecados, e não há alívio para mim, porque eu provoquei a tua ira e fiz o mal diante de ti,

[não fazendo a tua vontade nem guardando os teus mandamentos, *mas*] estabelecendo abominações e multiplicando ofensas.⁵¹

11 E agora eu dobro o joelho do [meu] coração, implorando a tua bondade.

12 Eu pequei, Senhor, eu pequei, e reconheço as minhas transgressões;

das *Constitutiones Apostolicae*, na tradução siríaca da *Didascalia Apostolorum* e na Vulgata Clementina e outros manuscritos latinos, embora com variantes entre si. Seguimos aqui o texto de Sir Charles. Sua omissão no *Codex Alexandrinus* deve ter sido acidental.

⁴⁷ Lit.: “porque eu pequei acima do número da areia do mar”.

⁴⁸ Lit.: “olhar atentamente”.

⁴⁹ Este versículo, existente apenas na tradução siríaca e no texto latino do Saltério Moçarábico (séc. XI), não consta nos manuscritos gregos nem latinos (THE DIDASCALIA Apostolorum in English, 1903, p. 38).

⁵⁰ Seguimos, nesta linha, o texto grego de Sir Charles, apoiado pela Vulgata Clementina e pelas antigas versões. O texto de Rahlfs (*Codex Alexandrinus*) diz: “para *conseguir* erguer (a cabeça)”; já “em razão dos meus pecados”, do mesmo texto, não consta nos demais testemunhos manuscritos.

⁵¹ Manassés abandonou a Lei de Deus, que Moisés ensinou aos israelitas; edificou também altares a outros deuses, sacrificou o próprio filho e praticou encantamentos e adivinhações (2Rs 21,2-6).



Súplica pelo perdão divino

13 [mas] eu te peço suplicando:
liberta-me, Senhor, liberta-me,
não me destruas com as minhas transgressões,
nem, irado para sempre, reserves males para mim,
nem me condenes às profundezas da terra.⁵²
porque tu és, Senhor, o Deus dos que se arrependem,

Ação de graças

14 e em mim *tu* manifestarás [toda] a tua benevolência,
pois, desmerecedor *como* sou, *tu* me salvarás, segundo a tua imensa
misericórdia:

15 e eu te louvarei continuamente, todos os dias da minha vida:
pois todo o exército celeste⁵³ canta louvores a ti,
e a ti pertence a glória para todo o sempre.⁵⁴ Amém.

Conclusão

O texto autêntico da Oração de Manassés, hoje perdido, a que se refere o Cronista (2Cr 33,18-19), foi escrito em hebraico, a língua do povo israelita, ao qual o rei pertencia, e, talvez, logo após os acontecimentos descritos no relato bíblico. Manassés, arrependido de seus pecados, possivelmente a registrou assim que, libertado do cativo na Babilônia, havia regressado a Jerusalém, em seu palácio, quando ainda recordava as aflições do cativo.

Por outro lado, se o texto que se tornou conhecido através das Biblias grega e latina não se baseia naquele que o Cronista conheceu, o texto aqui presente, um belíssimo poema, é o que sobreviveu. Depois, a Oração de Manassés não fazia parte da Septuaginta nem da Vetus Latina e da Vulgata. Ela se conservou por causa dos escribas cristãos, que a incorporaram tardiamente à obra dos LXX e à de São Jerônimo.⁵⁵

⁵² Trata-se do *Sheol*, palavra hebraica de origem desconhecida que designa as profundezas da terra (Nm 16,33).

⁵³ Lit.: “o poder dos céus”, isto é, os anjos, o exército divino.

⁵⁴ Lit.: “por todos os séculos”. O vocábulo grego αἰών, muitas vezes traduzido por ‘século’ ou ‘mundo’, não designa exclusivamente um período de cem anos, mas um longo período de tempo.

⁵⁵ MONTANER, 1982, p. 110.



Poucos são os autores que afirmam que o referido salmo surgiu no período cristão.⁵⁶ Porém, a maioria defende sua origem judaica e uma data mais antiga. Além disso, poucos são os que creem na existência de um original hebraico perdido; mas se a oração foi composta diretamente em grego, como defende a maioria, o autor, provavelmente, era um judeu de cultura helenística que viveu no Egito, talvez no século II ou I a.C.⁵⁷

É interessante salientar que, além do que já foi exposto até aqui, a Bíblia também faz menção de várias obras que se perderam na noite dos tempos, como o “livro das Guerras de Javé” (Nm 21,14-15) e o “Livro do Justo”, uma antiga antologia poética mencionada duas vezes no Antigo Testamento (Js 10,13; 2Sm 1,18), e talvez alguma carta de Paulo aos coríntios (1Cor 5,9). Depois, alguns livros apócrifos são citados explicitamente, por exemplo, na Epístola de Judas: a *Assunção de Moisés* (v. 9) e o livro de *Henoc* (vv. 14-15).

Enfim, se esta Oração de Manassés que conhecemos – objeto de estudo deste artigo – não é a tradução de um original hebraico, mas foi redigida diretamente em grego, podemos afirmar, com os mesmos autores, que o salmo supracitado é de origem judaica, com base em evidências do próprio texto. Seu autor, um representante do povo israelita, fiel às tradições de seus antepassados, inspirou-se na história de Manassés, rei de Judá – ou até mesmo conheceu o texto original de sua oração –, e também na afirmativa do Cronista, que afirmou ter existido um registro da humilde súplica que o rei de Judá, arrependido de seus crimes, fez ao Deus de Abraão, Isaac e Jacó.

Referências

ALVES, Herculano. A Bíblia de João Ferreira Annes d’Almeida. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Portugal, ano 5, n. 9/10, p. 289-302, 2006.

APÓCRIFOS e Pseudoepígrafos da Bíblia. Trad. Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.

APÓCRIFOS: os proscritos da Bíblia. Comp. Maria H. O. Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1989.

⁵⁶ VAN DEN BORN *et al.*, 1977, p. 932.

⁵⁷ ROST, 2004, p. 93.



BARBOSA, Heloisa G. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas, SP: Pontes, 1990. (Série Linguagem/Ensino).

BÍBLIA de Estudo Plenitude. Trad. João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida, edição de 1995. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.

BÍBLIA de Jerusalém. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002. Nova edição, revista e ampliada.

BIBLIA Sacra iuxta Vulgatam Clementinam. Edición preparada por Alberto Colunga y Laurentio Turrado. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1959.

BRENTON, Lancelot C. L. *The Septuagint with Apocrypha* (Greek and English). United States of America: Hendrickson Publishers, 1851/2003.

JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Trad. Pe. Vicente Pedroso. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1956/1999. (Obra completa).

KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. *Dicionário da Bíblia de Almeida*. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

LA SANTA Biblia: Antiguo y Nuevo Testamentos. Antigua versión de Casiodoro de Reina (1569), revisada por Cipriano de Valera (1602). Brasil: Sociedades Bíblicas Unidas, 1998. Revisión de 1960, con referencias.

MONTANER, L. Vegas. Oración de Manasés. In: MACHO, Alejandro Díez, et al. (org.). *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982. Tomo III. p. 101-117.

TRADUÇÃO. In: MICHAELIS: *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. p. 2093.

PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino. *História e Vida: da Idade Moderna à atualidade*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Volume 4).

RONIS, Osvaldo. *Geografia bíblica*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antiguo Testamento e aos manuscritos de Qumran*. Trad. Mateus R. Rocha. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004. (Nova Coleção Bíblica, v. 3).

SEPTUAGINTA. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1935/1979. Duo volumina in uno.



THE DIDASCALIA Apostolorum in English. Translated from the Syriac by Margaret Dunlop Gibson. London: Cambridge University Press, 1903. (Horae Semiticae No. II).

THE HOLY Bible. Authorized King James Version. Barueri, SP: Bible Society of Brazil, 2004. Giant print edition.

VAN DEN BORN, A. *et al.* *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

VERMES, Geza. *The complete Dead Sea Scrolls in English*. Revised edition. London: Penguin Books, 2004.

WEBER, Robert; GRYSON, Roger. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1969/2007.